

SE ESSA RUA FOSSE MINHA



FABIANO A. SALIM

SE ESSA RUA
FOSSE MINHA

FABIANO A. SALIM

SE ESSA RUA FOSSE MINHA

1ª edição

Belo Horizonte
Edição do autor
2021

Catálogo na Publicação (CIP)

Salim, Fabiano A.

S165ms Se essa rua fosse minha / Fabiano A. Salim. - 1a.
ed. - Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2021.

136 p.

ISBN: 978-65-00-17110-5

1. Ficção brasileira - contos I. Título

CDD: B869.35

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

SE ESSA RUA FOSSE MINHA

© 2021 COPYRIGHT BY FABIANO A. SALIM

EDITOR

Fabiano A. Salim

SUPERVISÃO EDITORIAL e PROJETO GRÁFICO

Vanderlucio Vieira

ILUSTRAÇÃO CAPA

Tales Ramalho Salim

FOTOGRAFIA

Fabiano A. Salim

REVISÃO DE TEXTO

Ana Valéria Fink

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a prévia autorização do autor, por escrito, sob pena de constituir violação do copyright (Lei 5.988)

Quer saber mais sobre o autor

fabianosalim@gmail.com

Impresso no Brasil

Formato Artes Gráfica

Belo Horizonte, dezembro / 2021

1ª edição: 2021

**ESTE LIVRO ESTÁ DE ACORDO
COM A NOVA ORTOGRAFIA.**

Para meus filhos Cassiano, Elisa e Tales.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS..	9
UMA ESTRELA DE RUA..	11
UM PREGADOR DE RUA	25
HOMEM DA COBRA	37
UM CANTADOR DE RUA.	49
FIÉIS AMIGOS..	59
O HOMEM E AS ROSAS	73
O GÊNIO..	81
BECO SEM SAÍDA..	91
UM CANARINHO.	97
ZAMIL (Uma história verdadeira)	105
UMA CONVERSA SINGELA..	121
CAMINHOS	129

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os amigos de infância, daquelas amizades formadas no grupo escolar, passando pelo colégio, ganhando as ruas em forma de turma; furto de frutas nos quintais alheios, o pique-esconde invadindo terrenos baldios, futebol em logradouros públicos, desavenças no jogo de bolinhas de gude, tudo emoldurando um quadro eterno, dependurado no coração da gente, de quando éramos, lá no interior, a alma das ruas de nossa cidade natal.

UMA ESTRELA DE RUA

*...o barulho de uma estrela ao bater no chão
ninguém conhece, nem nunca ouviu falar de
quem escutou...*

A rotina das primeiras horas do dia, no preparativo para enfrentar o trabalho, incluía a disputa por espaço na requintada panificadora, na esquina principal de um saliente bairro luxuoso. Um ambiente de cidade grande, atmosfera interiorana, calma, porém dominada pelo desfile de aparências onde pessoas podem ser conhecidas, reconhecidas pelos modos, trajés, apurados costumes.

Levado pela conveniência da vizinhança com minha casa, muitas vezes fazia ali meu desjejum. Ao longo de um considerável tempo, nunca presenciei qualquer cena que alterasse o movimento do dia a dia até que, certa manhã, percebi o

proprietário convulsivo, gestos bruscos, acenando para que uma das garçonetes despachasse logo uma consumidora encostada no balcão, tranquila, com uma ficha na mão esperando sua vez para ser atendida. Em claro intento, a ordem dos pedidos foi alterada para que a exigência do patrão, de se livrar dela o mais rápido possível, fosse acatada. Antes, no entanto, os outros fregueses tinham se afastado, deixando-a isolada em um espaço que formou um semicírculo vazio ao seu redor.

Atendida, os demais presentes abriram, para que ela rumasse, um bem alinhado corredor ladeado por gravatas, vestidos e calçados simpáticos. Vencido o perfilamento, caminhou até onde eu me encontrava, em uma mesa instalada sobre a calçada pública, utilizada como extensão daquele estabelecimento. Gentilmente perguntou se poderia ocupar uma das cadeiras. “Sem problemas”, foi o que respondi, percebendo que ela não teve direito aos bons serviços da casa, que sempre serve a clientela com o esmero de um prato de louça para os comestíveis e recipiente adequado para cada tipo de bebida. Com certa dificuldade, trouxe em uma das mãos um copo

descartável, na outra pão envolto em guardanapo de papel. Em cada braço dependurada uma sacola plástica, embalagem de supermercado.

Acompanhei a sequência de cenas. Fiquei incrédulo pela forma com que ela foi atendida: indiferença, rejeição, grosseria traduzida em “tome logo, desapareça”, como se fosse uma intrometida culposa por se vestir com simplicidade; desleixo repugnante, talvez, aos olhos de tantos. Quem sabe?

Assim que se acomodou à minha frente agradeceu, e desabafou dizendo que estava ali comprando como outra pessoa qualquer, que pagou, e que nada justificava o tratamento recebido. Concordei. Disse que tomasse o café da manhã com calma. Por dentro, alguma coisa parecia me cortar, lâmina gelada impondo dor fria.

Mostrando-se mais confiante, puxou outras conversas. Abordamos amenidades. Em seguida, perguntou meu nome. Me disse que se chamava Maria Estrela, que era conhecida pela segunda graça. Falou da origem:

— Foi o padre que escolheu. Ele explicou ao meu pai, depois fiquei sabendo, foi uma homenagem a Nossa Senhora da Estrela, assim eu seria,

com certeza, uma menina iluminada para a vida inteira. Lá na igreja tem uma imagem dela. Está de pé com o Menino Jesus sentado no braço esquerdo, uma gracinha. Na mão direita, a santa segura um ramo com uma estrela na ponta.

Mordeu o pão, tomou um pouco do café com leite. Em um breve tempo começou, com temas repicados, a falar de si mesma, até clarear que morava na rua. Acrescentou que não conhecera a mãe. Tal fato era um assunto que evitava, mas, pelas conversas do aqui e ali, sabia que tão logo se recuperou do parto, sumiu, deixando-a com o pai. Um dia, ele também não apareceu mais. Ela tinha treze anos. Até que tentou ou tentaram para que morasse com outras famílias; tinha acontecido por mais de uma vez. Entretanto, por razões diversas, nada deu certo. Prosseguiu:

— Resolvi morar na rua. Hoje é minha casa. Pelo menos compartilho com o que foi o segundo lar do meu pai, assim penso, de onde ele tirava nosso alimento. E vamos atropelando a fome. Quando não tem jeito, dormimos com ela, sonhamos que as coisas vão melhorar. Faço alguns bicos, era o que papai dizia sobre fazer de tudo para sobreviver com pouco. Ganho meu dinheirinho,

tenho onde guardar meu cobertor, meu colchão, tomar banho. Dessa maneira, vou me adaptando às acomodações de acordo com as estações do ano. Sou cigana.

Ao fazer tal comparação, abriu um sorriso que alargou minha observação de se tratar de uma moça bonita, muito bonita, apenas maltratada por uma vida desprovida de qualquer vaidade que não o desejo de ser considerada como gente. Tinha os traços delicados, olhos verdes claros. Magra, corpo esguio. A pele amorenada era coadjuvante para o destaque dos lábios grossos encimados por um nariz afilado, arrebitado.

Depois de um breve silêncio, contou que sabia ler e escrever, gostava muito de leitura, tinha sempre um livro em meio aos seus pertences. Disse também que até o pai se abrir no mundo, frequentava escola, se dedicava muito para obedecer suas orientações, repetidas tantas vezes, de que a melhor saída para um pobre são os estudos. Arrematou pensativa, como se lamentasse, dizendo que quando o pai foi embora, levou tal insistência. Sem as palavras dele, perdera a vontade de estudar, entendera que o estímulo que tinha era para mostrar, ao seu protetor, a ca-

pacidade de alcançar um objetivo que não era o dela, à época. Um dia se agarraria com os sonhos dele, voltaria a estudar. O pai tinha razão.

Perguntei então sobre o desaparecimento. Ela mastigou mais um pedaço do pão, com a mesma calma, passeando o olhar pelos cantos da rua, parando, às vezes, de girar a cabeça para melhor observar, como quem quer se alhear. Mirou ao redor de tudo que podia. Depois, fixando os olhos nos meus, esperançou palavras de um dia encontrar o pai novamente, aqui ou onde quer que ele tenha ido quando encontrou o fio de sua meada.

— Fio de sua meada? — Perguntei.

Estrela detalhou que o pai falava coisas que ela nunca esquecerá. Por exemplo, de não concordar quando uma pessoa dizia não se importar com o passado, tendo ainda a coragem de ressaltar que o que passou, passou. Ele retrucava em um firme “nada disso”, que o passado é costurado com fio que será atado ao futuro, gerações adiante, amarrará toda nossa história e, um dia, mesmo sendo passado, servirá como referência para muitos que virão por aí. Concluía dizendo que ali estava o fio da meada que todos procuram

para dias melhores, mas, muita gente, não percebendo a ponta de uma linha a ser desenrolada, esmiuçada, se perde quando consegue enxergar apenas como um ponto.

Em um só fôlego, continuou:

— Sou muito ligada ao meu pai. Ele era muito engraçado, narrava, entre risadas, muitos acontecidos. Contava que eu queria acompanhá-lo pelas ruas. Quando dizia que não era para menina pequena, eu batia o pé, chorava, queria ir para a cama, dormir, sonhar que era grande. Ele respondia que assim não valia, pois, quando acordasse, seria pequena novamente. Eu torcia para que as horas passassem rapidamente, para completar a maioridade. Chegou. Mas sem ele, muita coisa perdeu o sentido. São quinze anos sem botar os olhos nele. Não sei se está vivo, por onde anda. Acredito que ainda está medindo ruas, que se lembrará de mim ao dobrar uma esquina qualquer. Voltará, será muito bem recebido.

Fez mais um comentário:

— Pois é, depois dos dezoito anos, o tempo disparou, galope descontrolado, é como dizem por aí.

Voltou ao assunto dizendo “papai era uma pessoa muito boa”, que até hoje fica recordando os gestos dele, a forma de falar. Sozinha, se perde em pensamentos, enxerga agora que se tratava de um homem diferente, daqueles que vêm ao mundo para observar, saber dos sentimentos de muitos, aproveitar para se conhecer melhor, aprimorar o convívio com os outros. Disse que ele acreditava na existência de outras encarnações, outras vidas além da que conhecemos, vidas rabiscando nossos caminhos sem conseguirmos enxergá-las, com tudo acontecendo por aqui mesmo.

“Muito interessante”, comentei. Ela balançou a cabeça afirmativamente. Contou que por um bom tempo moraram de favor em um barracão no fundo de uma igreja, a da imagem que descrevera, foi onde nasceu. Para a manutenção do lar, o pai usava de seus talentos, muitos, desde pequenos reparos hidráulicos até empalhamento de cadeiras antigas. Estava sempre arrumando uma forma de levar o sustento. Era esperto, tinha visão das coisas. Certa época, durante o horário bancário, fazia o comércio de livros na calçada em frente a uma agência. No início, eram exem-

plares que conseguia a preços mínimos em um sebo vizinho. Com o tempo, começaram a aparecer doações que também eram vendidas. Tinha até promoção, brincou, que é sempre assim mesmo: uns descartando, outros catando.

A última dedicação do pai, ela lembra bem, foi a de pregar pelas vias públicas, praças, qualquer lugar que oferecesse espaço para soltar seus termos durante curtas caminhadas, lerdas, passinhos indo, uma paradinha, voltando. Foi quando começou a acompanhá-lo. De vez em quando, apenas. Eram sermões que ela não compreendia. Lembra que ele conseguia, com seu jeito, chamar a atenção de quem passava. Ficava todo entusiasmado. Em casa, à noite, folheava a Bíblia marcando páginas com pedacinhos de papel. Estava se preparando para a jornada do dia seguinte.

Sobre o relacionamento com outros moradores de rua, Estrela apenas pincelou coisas rápidas. Afirmou não existir atritos, praticamente, que tinham união, um companheirismo que poucos conhecem ou não querem saber. Não falou sobre os outros convívios.

Concluiu sua breve história, terminou sua pequena refeição, passou a mão nas sacolas depositadas no chão ao lado da cadeira onde estava, levantou, agradeceu pela aceitação de sua companhia, saiu caminhando calçada afora com passos sossegados.

Guardo nossa conversa em detalhes. Suas palavras remansadas, acompanhadas por gesticulações vagarosas, produziram efeito mágico sobre o restrito ambiente de nossa mesa, nos fazendo esquecer dos demais circunstantes.

Estrela deixou seu brilho. Com ele, os meus pensamentos no que é costurado em prédicas e a cegueira crescente. Tudo junto. Por aí.

Foi quando observei a cara de ódio do dono da padaria, apunhalando descontentamento em minha direção porque permiti a uma moradora de rua utilizar instalações sob seu domínio, figurando como se fosse uma de suas clientes. Naquele momento, percebi, pela postura de um homem, o fermento da ganância, descompasso entre a nobreza do fabrico de pão e a miséria da discriminação.

UM PREGADOR DE RUA

... ainda está medindo ruas, se lembrará de mim ao dobrar uma esquina qualquer.

Uma pessoa de bem. Crente em tudo. Incapaz de duvidar de quem quer que seja. No seu pensamento, não podia existir alguém capaz de prejudicar outro ser, gente ou animal. “Não, isso não!”, balançava a cabeça quando a ideia lhe ocorria.

Moraram de favores por um bom tempo em um pequeno barracão no fundo de uma igreja, no mesmo terreno da casa paroquial. Ele e a filha.

Para sustentar as duas bocas, fazia de tudo um pouco. Se precisasse, era empalhador de ca-deiras antigas, encanador, eletricista, reparava eletrodomésticos, tudo o que mais aparecesse pela frente. “Não enjeito nada, dou um trato, se o

negócio é trabalho, sou especialista em tudo”, repetia sempre para a filha, ressaltando que eram modos difíceis de viver, que a melhor saída para quem é pobre são os estudos. Aconselhava fazendo-a prometer que nunca esqueceria dessas palavras.

Nos últimos tempos, trabalhou como livreiro. Estendia sua ruma de livros usados na calçada, em local movimentado no centro da cidade.

Tinha no padre o norteador de seus passos. Quando a coisa degradingolava, lá estava o santo vizinho ao seu lado para lhe recriar os ânimos, com calmas palavras de conforto, como aconteceu no dia em que a mulher, em atitude desamorável, o abandonou tão logo se recuperou do resguardo, caindo no mundo, deixando a cria com ele.

Em conversas seguidas com o prior, ficou convencido de sua enorme missão, como se fosse uma revelação de que a filha era um mimo divino, batizada então de Maria Estrela, nome da Nossa Senhora padroeira daquele templo.

Durante a semana, os trabalhos pelas calçadas. Aos domingos, o melhor da labuta: organizar os canteiros de flores ao longo da entrada do templo, espanar os bancos entre uma missa

e outra, limpar acessórios, tocar os sinos. Nas quermesses anuais, celebradas com grandes festejos, era ele o responsável pelo foguetório. Chegou a Ministro da Eucaristia, uma honra, pura satisfação que o fez esquecer períodos de turbulências. Mudara muito, sim, velejava então em águas calmas.

As atividades voluntárias aumentavam à medida em que as reclamações do pároco engrossavam. Compreendia. Percebia que o fôlego do melhor amigo diminuía, a idade chegava, aboletavam-se as doenças com os incômodos tomando volume. Afinal, encostara nos noventa anos, se mais para cá ou para lá, muito pouco.

Logo depois que o sacerdote faleceu, a tristeza desatinou. Ganhou a rua, destino desmarcado, levado pelos passos para onde quer que a veneta apontasse. Na cabeça, a voz do bondoso conselheiro a imbicar sermões. Queria reproduzi-los. Despertou-se nele um pensamento sobre o mistério da fé, passando a entender o homem como um animal egoísta e, por isso, de pouca visão, incapaz de perceber outras vidas no meio dele mesmo, vidas que só serão entendidas e convidadas quando desenvolver outros sentidos

que a maldade ainda impede. É o fio da meada que todos procuram, poucos encontram.

Andava de um lado para outro, vai e vem miúdo pelos passeios e praças da metrópole, brandando em pregação, dizendo-se mensageiro do Senhor, que de sua boca saíam palavras que os homens da terra, por ele passando sem dar atenção, deveriam ouvir.

Afirmava que representava a expressão da grande luz, da humildade. Visionava que na próxima vida todos pagariam pelo mal que procediam. Alertava que muitos sabiam disso, mas só se lembravam quando precisavam de uma virtude para se agarrar ao arrependimento, tentando escapulir.

— É, é isso mesmo — acrescentava — o que pode não mais adiantar, pois, estabelecido é, um limite para se viver virando as costas para a verdade, para as penitências, caridades e orações. — Fazia questão de acentuar.

Quando expunha seus pensamentos, mantinha o semblante fechado, atrás do qual ninguém desconfiava existir um obstinado em alcançar o inusitado, a grande maravilha proporcionada pela vida eterna: o paraíso.

Vestido em terno escuro, barato, paletó desenquadrado nos ombros encobrendo a camisa de fibra sintética, cuja cor deixava berrante a gravata que mais parecia um nó de força, sacolejava na mão direita um exemplar da Bíblia. Com a esquerda, acenava aos transeuntes tentando, à distância, esbarrá-los para que ouvissem, pelo menos um pouquinho, os ditames da redenção.

Sem dar espaço ao silêncio, continuava palestrando, dizendo que todos, na correria, buscavam uma vida melhor, fundamentada na solidariedade, liberdade e livre de discriminação. Inflamava-se:

— Saibam então que no Livro Sagrado está a primeira manifestação destes valores, que não é à toa que Nele mora o registro da igualdade de todos perante Deus.

— Existe democracia maior, hein, existe? — Questionava voltando os olhos ligeiros para um, para outro.

E desafiava:

— Que mais vocês querem? Que mais vocês buscam se já está tudo aqui, basta seguir? — Sacolejava o volume com capa de couro, sonhava

com um clamor celestial para despertar os incrédulos.

Pregava a existência de outras encarnações. É no que acreditava: outras vidas além da biologia conhecida, vidas rabiscando caminhos sem que percebamos. Essa teoria, cautelosamente, estudou por um bocado. E saía em defesa.

Tinha o costume de, à noite, ao lado da filha, manusear o Livro Sagrado, separar trechos, ensaiar, decorar o que julgava essência para levar aos ouvidos pecantes.

Chegou um tempo de ambicionar mais espaço para sua devoção, começou a percorrer logradouros públicos diferentes, a deambular. Um incansável. Não se importava mais com refeições, com descanso noturno. Nada disso tinha valor. Comportava em seu pensamento apenas a distribuição das linhas divinas. Caminhava. Não parava. E vai e não vem.

Escapuliu pelos mais longínquos bairros da periferia, pelas cidades miúdas agregadas à capital. Ultrapassou divisas, escafedeu-se, esqueceu de sua casinha, na certeza de que suas palavras seriam reconhecidas, se elevariam às alturas, fariam com que ele encontrasse o tal fio da mea-

da para depois passarinho em voo de pureza no mais alto do firmamento.

Da mesma forma que o fizeram se perder em caminhadas por cantos nunca dantes pisados, seus passos proporcionaram o retorno. Andou por diversos dias pela cercania de onde tudo começara: os trabalhos informais, o encontro com a mulher que amou, a única moradia do casal, o abandono, o padre, o choro da criança misturado ao seu.

Certa manhã, parou em frente a um portão. Através das ripas, viu de longe a construção de meia-água ao fundo. Quis reparar mais. Pousando a testa na madeira, flutuou, ficou um bom tempo observando a porta com as duas janelas pintadas de azul contrastando com o branco das paredes caiadas.

Passeando com os olhos, apreciou a igreja, os canteiros de florezinhas dispersadas, desarrumadas que só. Reparou o pórtico com o arco de entrada em cima do qual o campanário se espiçava com seus rococós, afunilando em pirâmide para sustentar a cruz em sua grimpá.

Naquele momento, os sinos largaram pancadas, estralando as horas. Depois de retinir, o

silêncio despertou da memória o som agudo de um órgão esparramando música, acompanhada de um coro harmonioso.

Viu uma menina a correr pelo pátio, se esconder atrás de uma pilastra lateral, depois desabalar para ficar atrás de outra mais adiante, rir, gritar de alegria até desaparecer no último esconderijo.

Ouviu certa voz conhecida, mansa, chamando pelo seu nome, repetindo, sacudindo-o, mas sem conseguir despertá-lo para a realidade.

Continuou igual. Sem se mover. Apenas pedaços de acontecimentos rolavam despegados, sem permitir desencovar o que a mente sepultou.

Ficou com a cabeça recostada até o sol fazer arder seu lombo debaixo do paletó ensebado. “Curioso e atraente”. Foi o que disse consigo mesmo.

Balançou a cabeça em rápidos sacolejos como quem volta do mundo da lua; acordou para a urgência de seu compromisso diário; retomou a caminhada pelas ruas, pregando as palavras da salvação.

HOMEM DA COBRA

*Acontecimentos pitorescos, da mesma forma
que pessoas excêntricas, marcam, formam
uma coleção de coisas que nunca esquecemos.*

Com o céu acinzentado a aurora rompia, acautelada, ofuscando o brilho das últimas estrelas. Os postes ainda mantinham suas lâmpadas acesas. O sol, dentro em pouco, iluminaria a labuta dos trabalhadores da feira com suas barracas prontas, bem de manhãdrugadinha, aguardando o primeiro freguês. Este, por sua vez, esperava a autorização do clarão do dia, com todas as suas cores, para rumar às compras.

Esticado na cama, José sabia que era dia de feira no Malhado, como todos os sábados, zona norte pobre da cidade, de muito movimento, o melhor para as vendas entre os inúmeros pontos que percorre pela grande cidade, o que lhe ren-

deu o apelido de Zé Cigano, tradução de respeito, credibilidade pelo que vende.

Para ele, o horário ideal para chegar à feira é sempre depois dos barraqueiros, quando o burburinho já se arrasta ruidoso com o apregoamento das ofertas, enquanto os que não têm nada a fazer ou comprar estão soltos para o aboiar, formar a roda de especulação, gongo para iniciar com os anúncios sobre seu elixir milagroso.

Faz parte de suas bugigangas, como chamariz, um saco de linhagem com a boca amarrada. De vez em quando, cutuca o pano mole com uma vara comprida, dizendo que dali fará escapulir a mais venenosa das serpentes, monstro nunca visto fora das matas intangíveis do Norte.

Discursa que o xarope, legítima caiçuma, potência para a cura, tem a fórmula obtida através da experiência de pajés de tribos indígenas isoladas que nunca foram contatadas, esquecidas lá pelo mundo das selvas, de um lugar depois, muito depois do paraná dos urucuritubas, inimigos dos pavoca-sororocas.

— Então, meus amigos, minhas amigas! — Começa a explicação. — Em cada vidrinho deste, que chega praticamente de mão beijada até vocês,

tem uma porção de aventuras sigilosas que não sabem do perigo para conseguir. Além da travessia por matas traiçoeiras, dos enfrentamentos de feras, a gente aperta os bofes o tempo todo, gela as entranhas só de pôr sentido nos riscos de topar com um Mapinguari, gigante peludo com um olho na testa, boca no umbigo, armadura feita do casco de tartaruga, a pele igual ao couro de jacaré. Um bicho de fazer tremer as orelhas. Cruzcredo!

E vai deslançando no preparo histórico para os reclamos:

— Lá, praquelas bandas, também tem o Curupira, anãozinho de cabelo vermelho, pés virados para trás, calcanhares para a frente. Ah, se não! Ainda tem o boto cor-de-rosa, que no meio dumas águas daquelas, pode tender cortejo. Pior quando ele é cego do faro, não distingue homem de mulher. Deus me livre e guarde!

Não entendendo como ele consegue buscar tal sabedoria para a composição de sua farmacologia, ouvintes ensaiam duvidar, mas com que coragem? Coragem e meia? Também não. Se calam, então, diante da estrutura física do locutor.

Zé Cigano é um sujeito descomunal na altura. Orça pelos cinquenta anos de idade. Dobrado

de músculos pelos braços avolumados em seu tempo oferecido à estivação, pescoço roliço enterrado nos ombros, forma uma figura hercúlea.

Olhos vivos debaixo de uma cabeleira negra, lisa, bigode da mesma cor, largo, folhudo, compõe uma fisionomia imponente, realçada por expressões faciais e gestos. Apesar de tudo, é dócil. O sorriso fácil mostra os dentes enormes, bem moldados em uma dentadura postiça. No vestir, único estilo: camisa preta, calça em tom igual. No cinto largo, com um cavalo escoiceando na fivela de prata, dependura uma bainha, deixando à mostra o cabo da faca, de marfim esculpido, presente de um xamã das Áfricas, não nega.

Afirma que seu produto é um santo remédio para enxaqueca, dor de dente, de ouvido, ferida supurada, inflamação de carrapato-rodoleiro. Funciona também para frieira, caspa, mau hálito, chulé, ziquizira, curuba.

Enriquece seu poder de convencimento assegurando que curou muitos, e que tantos o procuram depois para agradecer pelo extraordinário efeito daquela bula: “Salvou a vida do meu pai”. “Minha mãe é outra pessoa, não reclama de mais nada”.

Não dá diferente! Mãos se esticam com dinheiro nas pontas dos dedos para a aquisição: “aqui!”, “aqui!”. Alguns permanecem na incerteza. Outros lamentam por não ter recurso para levar, pelo menos, um exemplar para casa.

Cigano aproveita o bom momento da venda-gem para derramar mais qualidades do rótulo:

— Dentro desse pequeno frasco tem um rio de saúde! Você pode garantir a sua com poucas gotas. Mostre que se preocupa com o bem-estar dos seus em casa. Por um preço módico, leve este recado até eles, ganhe pontos com toda a família. As crianças te encherão de beijos, a patroa ou o patrão, bem, aí vocês já sabem melhor...

Impressionando o público com tantos benefícios em vidro tão miúdo, não para de falar:

— Pois aqui está o líquido que combina com seus melhores dias, ele é ótimo para as cólicas menstruais. Quem aqui nunca sentiu insuportáveis tipos de dores?

Faz a pergunta esperando chiste de algum marmanjão, o que sempre acontece. Então caminha na direção do engraçadinho, fica bem à sua frente, indaga:

— É bom para você também, por que não?

A plateia emudece esperando o desenrolar. Um tempinho passa. Ele complementa:

— Se nunca teve cólica renal, por exemplo, um dia pode ter. Aproveite. A prevenção é o melhor remédio. Leve o alívio que cabe em seu bolso.

Nesse cenário, acaba vendendo tubinhos mais, inclusive para quem fez o gracejo. Nunca teve problemas com tais atitudes. Além de mostrar brincadeira, tem saídas preparadas caso o caldo engrosse, o que é improvável.

Gesticulando sem parar, com um microfone preso ao pescoço, Zé Cigano solta a voz intensificada através de uma pequena caixa acústica, alto-falante trincado que explode no ar o som de uma vibração rouca:

— Dou minha palavra. Produto igual não existe. Remédio santo. Testado para eliminar o incômodo problema das hemorroidas. É, comprovadamente, o mais eficiente, mais que eficiente, reativador do apetite sexual, verdadeira pancada. Só não pode exagerar na dose, se não... Também é indicado, os médicos não gostam que fale, para prisão de ventre, gases, nó na tripa, qualquer dor atravessada. É de muita valia para os inter-

nos soltos, estancar, em poucos minutos, aquela diarreia que ninguém sabe a hora de surgimento na descompostura, podendo se tornar verdadeira calamidade. Né, mesmo? Garanto! Para qualquer desses problemas, é tiro e queda, é batata.

Não se repara ao certo, qual ou quais dos argumentos convence mais. Fato é que, depois de tais discursos, o negócio atinge o auge.

Roda. Enquanto a ciranda engrossa, no centro Cigano gira, volta para todos os lados, fala em demasia sem dar chance aos questionamentos, às insinuações de aldrabices:

— Olha, que maravilha! Não é mezinha qualquer, é, sim, uma solução de qualidade, obra estudada na ciência de sábios mateiros. E ainda é barato! O que está esperando? Ê como tirar com a mão o reumatismo, espinhela caída, tudo que te faz borocoxô, com fraqueza, depressão.

O discurso estica. Com tanta indicação, alguma deve se ajeitar com alguém por ali ouvindo. Pode ser furúnculo, lombrigas, cancro, valendo também para isso, para aquilo, qualquer mais.

Os rumores na feira aumentam. Sua plateia também. Continua o vendedor falando do medi-

camentoso que está colocando à disposição da simpática população. Volta a mencionar a cobra. Novamente o xarope. Delonga esse vai e volta até o fim da mercancia. Sai mais cedo que os outros tendeiros. Por não vender perecível, dispensa a xepa, é esticar dinheiro que nada adianta, assim pensa. Recolhe o que sobrou, fecha tudo dentro de uma caixa de papelão. Nela, o saco de pano amarrado pela boca. Inserta, lá se vai a dita fera que ninguém chegou a ver. Nem nunca verá.

Naquela manhã duvidosa, Zé Cigano não sabia se chegaria no horário de sempre, ou mesmo se conseguiria sair para trabalhar, dado um desarranjo intestinal que o fez passar a noite em claro, sem dormir um pingo que fosse, corridas miúdas ao banheiro onde a dor de barriga o prendeu por bom tempo. Mal voltava para o quarto, a ditadura das pontadas agudas nos arredores do umbigo comandava ordem de retorno.

Desorientado, com o produto depositado na sala, embaladinho à espera do dono, Zé Cigano não pensava em outra coisa que não no sofrimento de esperar a farmácia abrir suas portas para poder comprar remédio eficaz para seu problema.

UM CANTADOR DE RUA

*A rua é uma moradia que muitos atravessam
sem pedir licença, utilizando-a apenas como
caminho para chegar longe dela.*

A fileira de arranha-céus, grudados uns aos outros, esbarra o sol deixando um trecho da rua frio, o passeio público prostrado pela manhã.

Aproveitando a sombra, o artista coloquial instala seus equipamentos para largar sua voz, distrair os passantes, arrecadar algum para avivar sustento.

Depois de um tempo no anonimato, resolveu se apresentar. Colocou à sua frente uma plaquinha de papelão apoiada no chão. Nela, mal escrito, em rabiscos vermelhos e amarelos: “Matuto, o cantor do povo”. Ao lado, uma caixa de sapatos, sem tampa, para recepcionar as gorjetas.

Dono um gingado desajeitado, sacoleja seu corpo magérrimo, empenado, para acompanhar o ritmo que sai de um gravador, a mesma batida para qualquer melodia que ele tenta entonar ao microfone, amplificada a curta distância por uma pequena caixa acústica que sopra de seu alto-falante uma voz tão desafinada que mais parece uma viola lastimosa, acordes extraídos na imitação das rodas de um carro de boi carregado, gemedor, ladeira acima.

Veste sempre roupas extravagantes. Calças em tonalidades berrantes, camisas estampadas com flores enormes, sapatos em duas cores, meias subindo até a metade das canelas. A cabeça miúda, em cima do pescoço fino, apoia um chapéu tosco, de palha de buriti, esfarrapado por toda a orla da aba. Arrematam o conjunto olhos arregalados, bigodinho fino. A barba, parecendo nunca ter se adiantado além dos buços da adolescência, salpica a face sardenta, ossuda.

O ramerrão atrai vendedores ambulantes que se encostam pelos lados, concatenados como numa empreitada de ofertas, onde gente sem muita pressa, ou sem ter o que fazer, acaba por dar uma paradinha, assuntar o diferente da fi-

gura em matizes, mastigar uma pipoca, um coco caramelado, beber um refresco.

Nos fins de semana, leva seu número artístico para diversos pontos de recreação da metrópole. Foi sua presença aos domingos, na feira principal, o coração da cidade, que sua voz de taquara rachada, motivo de tanto deboche, proporcionou a propaganda maior, boca a boca, sobre um maluco assim, assim, fazendo juntar, à sua volta, todo tipo de curiosos.

Em épocas de maior movimentação, chega a receber pedidos, sugestões sobre canções e até a formar uma pequena ciranda para rápidas danças coreografadas sob seu comando: “Atenção, ocêis tudo, de mãozinha pra riba”, “agora agachano até onde der conta, vamos ver quem pode mais que o chão”.

Quando a sorte lhe mostrou os dentes num sorriso, não vacilou, agarrou-a pela cintura, saiu a bailar. Era uma repórter, de uma emissora de rádio. Entrevista. Contou a ela sua origem humilde na roça, onde o pai era capataz e a mãe serviçal na casa sede. Não se importava com isso, até que teve uma vidinha boa pelos matos e povoados dos arredores. Só não teve a oportunidade

de frequentar escola por aquelas bandas, o que veio a acontecer quando se mudou para a cidade, oportunidade dada pelo padrinho que o trouxe para ajudar no trabalho de frete com animal e carroça. “Mas o burro não era eu”, explicou, fazendo gargalhar os ouvintes. Um improvisador de tiradas espirituosas.

Não foi longe nos estudos. Já não era mais tempo, queria ter seu próprio negocinho. Foi nas cantorias, durante o carregar e descarregar tal carroça, que despertou para a carreira de cantor.

Depois do rádio, teve oportunidade de repetir suas histórias cheias de façanhas, conquistar mais admiradores através das imagens coloridas da televisão. Participou de diferentes programas. Timbre de estrelato à vista. Sucedeu. Estourou nas paradas de sucesso; cartazes anunciavam suas apresentações em bailes; seus shows eram concorridos. Afinou a voz da vida, gozou o som da felicidade.

Fora dos palcos, o luxo. Nas apresentações, as roupas esquisitas de antes deram lugar a outras mais excêntricas. O reportório, difícil de imaginar como, piorado. A agenda lotada. Agradecendo ao fiel público no fim de cada apresen-

tação, se emocionava, lágrimas não deixavam de rolar. Repetia que sua celebridade nada mais era que o apontamento do bom gosto disseminado pelos fãs, também o reconhecimento de um país que, a cada dia, dá mais valor às tradições, aprimora a cultura musical.

Em curto tempo se sentiu cansado de toda a agitação, entrevistas, apresentações distantes, correrias, deslocamentos. “O sucesso tem seu preço, um sonho não pode ser tão caro”, pensou. Não queria mais, decidiu, bateu na mesa. Aquela não era sua vida. Mudou. Largou tudo.

Segunda-feira. Com a boca amarga, só depois de muita água lembrou dos folguedos da véspera. Tinha muito oferecedor de cachaça; ele aceitador demais. Fez a festa com o microfone na mão. Atendeu a pedidos musicais. Ouviu palmas. Entusiasmou-se. Quase estourou o pino da goela. Seu nome se misturava ao barulho dos copos, das risadas. Empanturrrou-se. Encharcou-se.

Lembrou-se da repórter. Ficou na dúvida se ela estava mesmo na feira ou só no devaneio. Teria sido um divisor desmaiado, diluído pela bebida, entre o acordado e um pedaço da morte? Não sabia. Tudo confundido.

O corpo passado na moenda, a cabeça socada no inquietante latejo das têmeoras, inchamurcha, de uma ressaca desgraçada, continuado dolorido, vapores alcoólicos recendendo, ideias turvadas desorientando qualquer aprumo que pudesse seu raciocínio querer abarcar.

Não sendo nosso artista dono de cama quente, passou a mão na viola, e pegou, na marra, o rumo da calçada triste.

FIÉIS AMIGOS

*Sem a liberdade de um espírito em
temperança, não se consegue ver as estrelas
voarem, nem os pássaros brilharem.*

Andavam, paravam, observavam, seguiam. Pareciam combinados nos movimentos. Distintos. Sem colarinho. Sem trela. Quem os notava ficava surpreso.

No início, dois. Depois se juntou o caçula, menorzinho na idade, no tamanho. Amigos para sempre, união, proteção na batalha pela sobrevivência, sacolejar rotina no meio congestionado da metrópole.

Nenhum deles fugiu à mestiçagem. Carregavam traços diversos, moldavam surpreendentes feições, cores.

Baco era de um negrume só, parrudo, olhos descansados, da mesma forma que nos modos.

Seu corpo gordo, jeitão pomposo, dava ideia, quando visto de relance, de uma pantera negra. Assustava. Mas, logo, abanando o rabo, fazia dissipar temores. Um massudo de paz. Aos companheiros repassava sua história, provocando risadas em rosnados. Chegara da cidade pequena acompanhando o dono, quando tal sujeito, de uma hora para outra, resolvendo melhorar de vida, vendeu tudo que tinha lá pelo interior, comprou uma carroça e um burro para iniciar seu empreendimento de ficar rico fazendo fretes na periferia da capital: material de construção, mudanças, entulhos e ele, Baco, sempre ao lado da carroça, na lateral onde a sombra batia.

Tudo ainda estava no ritmo de novidades quando um dia, lá no rincão do bairro, justo no horário de almoço, um carregamento de urgência foi requisitado. Partiram. Com o sol a pino do meio-dia, sombra frequentando apenas o debaixo do veículo, Baco ali se pôs a caminhar, cabeça baixa, meia língua pendendo pelo lado da boca. Quando menos esperava, a tora roliça do eixão lenhoso que ligava as duas rodas arriou; a vida de cachorro ficou por um triz entre a carga esparramada e as lascas de madeiras da carroceria.

Depois do incidente, mudar de vida foi com ele. Ganhou a avenida pela mão de não mais voltar.

Bartô, o mais novo, pura serenidade. Tinha maneiras especiais. Patas dianteiras voltadas para fora como os ponteiros de um relógio marcando dez e dez. O olhar inquisitivo, sempre para cima, pelagem fina mostrando manchas acinzentadas na pele. Não tinha uma história muito alegre, era o que deixava entender em suas narrativas. Nascera na rua mesmo, ou melhor, no parque. Um dia se viu sozinho pela cidade. Ainda traz a incerteza se a mãe o deixou, abandonando-o depois de não mais considerá-lo filhote, ou se ela tomou um rumo sabe-se lá pra onde. “Isso é bem da nossa natureza, esqueça os ossos que não voltam mais”, consolavam os outros.

A balança da serenidade desequilibrava pelo lado do Tino. Diferente no comportamento, um espampanante. Agitado de lá sem cá, vice-versa, estava sempre pulando, arrastando os companheiros em suas inquietudes. Pelame grande, caramelo, orelhudo como se pendurasse grandes brincos quase arrastando pelo chão. Se viu nas ruas com a mudança dos donos, não que tenha

caído do caminhão, explicava, é que, de propósito, fora abandonado no dia da saída, casa vazia, deu tristeza. Conseguiu pular a grade do portão, rodou pela vizinhança na esperança de uma nova adoção. Mas, nada. Ficou por um tempo ladeira abaixo, beco acima, largado na aprendizagem de uma nova vida.

Trocavam ideias, falavam, isto é, não falavam, mas eram de entendimentos entre eles. Expunham o passado, os sonhos. Sim! Sonhavam quando dormiam. Contavam, faziam gracejos, repassavam acontecidos. Gostavam de lembrar da curta convivência com a amiguinha Suzi, cuja dona, tão agarrada, a levava em todas as viagens. Dizia ela que conheceu lugares, muitos, de montanhas a praias, tudo na vida boa de cadela de luxo. “Pensam que é fácil?”, se defendia Suzi para que os novos amigos não a julgassem esnobe, pelo contrário, muitas coisas a aborreciam. Um dia, fugiu. Sua dona queria que ela fosse que nem personagem humano, agisse como tal, se comportasse assim, assim, mas na hora das refeições, com tanta fartura na casa, para ela só escorregava da mesa o enlouquecedor cheiro

dos assados. Esqueciam então que era uma semelhante? Ora! Escapuliu. Foi quando os encontrou. Zanzou com eles algum tempo. Para melhor aproveitar os ares de independência, se desgarrava do grupo, passeava, retornava. Chegou o dia em que não mais apareceu. Tinham eles no juízo que a coleguinha vacilou, foi resgatada, também, com os mais de um tanto de cartazes esparramados, recompensa fofuda...

A cidade era o extenso lar. Uma agenda traçava detalhes para todos os dias da semana. Quem frequentava determinados lugares acostumava com a presença do trio. Até parece que sabiam ler os grandes cartazes anunciando festas, shows e festivais. Lá estavam eles. Não perdiam, nada!

Começavam a semana perambulando pelo movimentado centro. Visitavam sempre uma esquina sombreada onde, todas as manhãs, do meio para a frente, um cantador animava o ambiente com sua caixa acústica jorrando pelo ar uma barulheira desafinada para os ouvidos caninos. Difícil de suportar. Encostados na parede, ficavam de longe observando. Logo, logo, esta-

cionavam carrinhos de pipocas, de coco caramelo, guloseimas. Sempre sobrava alguma coisa para mastigar.

Onde tinha aglomeração, lá estavam, alertas, sem embaraçar cauda nas canelas das pessoas. Pelas andanças, não era difícil encontrar um certo pregador. Cada dia em um ponto diferente. Sabiam, decorado, que ele começava a falar de forma macia, levantava a voz aos poucos até encenar irritação contra os pecadores. Gostava de utilizar de suas presenças para exemplificar outros seres como filhos do Senhor. Saíam de fininho, pata ante pata, não rendia mesmo muita coisa...

Aos sábados, a diversão era nos arredores do Mercado Central, dia de maior movimento, sentir o cheiro, o visual das mercadorias nas bancas, as pessoas saindo com sacolas cheias. Passeio favorito, mas era preciso ficar atento aos homens encostados nos balcões dos bares, falando alto, gostando de chasquear em xingamentos. O risco de uma lambada existia sempre, maior, claro, que o bate pé dos enxota-cães nas igrejas que os esparramavam aos gritos de “passa pra fora”, quebrando o frescor de um repouso silencioso.

Todos os domingos, a grande feira da cidade, avenida principal, imperdível. Malabaristas, palhaços, mágicos, pedintes. Gostavam de ver o homem da cobra. Não cansavam de suas histórias, sua simulação cutucando, com uma vara comprida, um saco de linhagem amarrado pela boca, alarmando que dali sairia uma serpente enorme, verdadeira fera. E falava, falava... A serpente lá quietinha. Fajando, divertindo, sabiam os três amigos que não existia bicho nenhum dentro daquele pano.

Já no setor das barraquinhas de alimentação, se faziam. Ganhavam bocadinhos disso, daquilo. Festa constante. Do desjejum até à tarde.

Não eram bestas nem nada. Sabiam como se comportar para serem agraciados: chegar escorregando um pisa-mansinho, fixar os olhos compridos de pidões, movimentar as ventas em breves dilatações, balangar o rabo.

Aproximar-se das mulheres, então, moleza. Nacos gordurosos de espetinhos, pedaços de sanduíches que pudessem pesar na consciência de um regime, quando rebolados fora, não tinham tempo para cair no chão.

Era a felicidade domingueira, dia de descansar repimpado, focinho entre as patas para dormir o sono preguiçoso dos reis.

Sem contar os eventos de maiores ajuntamentos, gostavam de deambular, acomodar-se à sombra nas portas de lojas para animais, assistir ao esplendor de seus semelhantes, imaginar o que poderia ocorrer lá dentro: mimosuras, banho, tosa, vacina.

— Olha, que gata!

— Cachorrona, né?

— Isso. São estrelas onde moram. Muito valor. Ah, se!

— Fazem caminhadas todos os dias.

— Será que se alguma cachorrinha se soltasse da coleira, se aproximaria de nós?

— Certamente, certamente! Seus donos é que não deixam.

— Vão a restaurantes?

— Já vi.

— Almoçam no chão, debaixo da mesa.

— Algumas no colo do dono, ou na cadeira, tal qual pessoa.

Com o tempo, ficaram espertos para se defender, evitar quizilas, perceber o perigo através das conversas dos homens.

Sabiam distinguir os indivíduos com intenções afetadas e, deste modo, refutar chutes, desviar das tungadas de falsos valentes.

Estavam sempre prontos para dar no pé ao cheirar alguma quizomba de marmanjões desembestando para o lado das vias de fato. Mas, quando no imprevisto uma balbúrdia acontecia de supetão, do tipo lá vai estouro da boiada, a cainçada ressoava, eles derriçavam na forma do salve-se quem puder, voltando a se encontrar quando desse. E sempre dava. Retornavam desconfiados, esbaforidos pela debandada.

Se alguém fazia um agrado, abanavam o rabo revolteando satisfação, fuças empinadas. Conseguiam se entender melhor com as crianças. Só elas eram capazes de perceber em suas carinhas serelepes um sorriso gracioso, um olhar melífluo de cumplicidade arteira.

Gostavam de ser amigos dos humanos, amigos de todas as horas, “o melhor”, como acostumados a ouvir. Eram agradecidos, acompanha-

vam quem lhes dedicasse atenção, mas por um tempo, só. Logo se esgueiravam. Não queriam mais pertencer a ninguém, mancomunavam então pela liberdade, ser sempre cachorro sem dono, botar a pata na estrada quando bem entendessem. Andando. Parando. Observando. Seguindo.

O HOMEM E AS ROSAS

*Para Carlos Alberto Coelho e
Rita Helena Pelizer Coelho*

*Não sabia, pois, que através de uma saudade,
mesmo daquelas de deixar perdido, pode-se
encontrar alguma alegria?*

Florisvaldo, o sr. Flor, era um produtor e comerciante. Tinha em suas atividades a realização de uma vida. Apaixonado, estava sempre junto à esposa; uma admiradora, incentivadora de sua arte, modo elogioso quando se referia ao labor do marido.

Vivia o sr. Flor em um casarão conservado, mantido da mesma forma que herdara dos antepassados, construído no tempo dos adobes, muita madeira de lei nos vigamentos, armação do telhado, portas e janelas.

Ocupava o enorme quintal, que mais parecia uma chácara, para produzir os mais variados tipos de flores, colhidas e levadas à sua peque-

na loja, a cinco quarteirões de distância, onde ocupavam todo o espaço com bem sortidos tons, sustentavam uma atmosfera perfumada.

Sr. Flor se tornou um ancião garboso. Conhecido por todos, desfilava pela cidade com seu porte esguio, imposição da atividade que pedia, ao prazo de muitos anos, alongamentos, caminhadas, flexões, pesos. Tudo no zelo com a terra. Marcava sua figura o chapéu de feltro, aba larga, acinzentado, sobre os cabelos brancos, barba bem aparada, bigode fino da mesma cor.

Quando jovem, ao fechar a loja, saía sempre com uma rosa na mão para ofertar à namorada. Depois à noiva. Seguiu o matrimônio, vez de a esposa receber o galanteio. Para ela, as pétalas, além da beleza e do perfume, traduziam a alegria que era saber que ele pensara nela. Não falhava um dia.

Com o mesmo carinho dedicado às flores, cultivou amizades, fez crescer os ramos da família; filhos, netos. O tempo agraciou a vida do casal com o mais puro enlevo através das bodas, de papel à de esmeralda, até que foi esbarrado por um desgosto que debruçou o sr. Flor em desalento. Prostrado, abandonou as plantações, repas-

sou a loja adiantando a aposentação, descanso programado a dois que perdera o sentido depois da morte da companheira.

Arredado pelos cantos, nada demovia seu estado de espírito, sua vontade de desaparecer do mundo, quando um sonho, guardado a sete chaves, tirou o sr. Flor da cama agitado, mal esperando pelo café da manhã para deitar ânimo no solo, semear, rebrotar, colher. Retomada de dedicação. Uma ligeireza como se mãos invisíveis estivessem ao seu lado no trato dos canteiros.

Um gesto do Sr. Flor, antes praticado no domínio do lar, esparramou notícia pela cidade gerando a crença de que aquela que fosse escolhida receberia um golpe de sorte. Para as solteiras, poderia ser o casamento, por exemplo, o que muitas enfatizavam batendo o pé para ser essa a verdadeira tradução por ter sido agraciada.

É que o idoso readquirira o antigo hábito da rosa diária. Não a coletava no próprio quintal. Todas as tardinhas, saía para a caminhada, entrava na floricultura de onde fora proprietário, conversava, respirava o passado revivendo o sonho marcante daquela noite, lembrança carregada de esperança.

Adquiria uma das cores. Se despedia: “Então, até amanhã”.

Com a rosa na mão, retomava a andança, entregando-a, com meneio inocente, bem seu, à primeira mulher que encontrava, repetindo as palavras que sempre disse à esposa: “Você é encantadora”.

O GÊNIO

Para Eduardo Tavares da Silveira

*Antes de desembocar, tinha a mala cheia de
vazio, trancada com cadeado da renovação
que nem ele sabia o segredo.*

Andando à toa pela rua, chutando pedrinhas, tropeçou propositadamente fazendo um recipiente rolar pela sarjeta até a grade do bueiro. O chutador quis afinar o pontapé, dobrou o estilingue da perna para encompridar novo coice, quando percebeu que o frasco galeava diferente, mexido por dentro. “O quê?” Observou mais um tiquinho. Curiousou. Para constatar, retirou a tampa, bateu a garrafinha com a boca para baixo no chão duro. E nada! Golpeou com mais força. Ouviu lá do fundo uma vozinha esmerilada em surdina: “quer me matar?”. Deu um salto para se retaguardar, que nem gato. Ficou espiolhando. Embaralhou as ideias, todas boquiabertas se

escondendo uma atrás das outras, engolindo asombro.

Com a insistência vazia de quem não tem o que fazer, foi chegando. Viu sair do plástico um bolo indefinido que se agitou em alongamentos até se fazer em um homenzinho do tamanho do nada, um pouco menor, talvez. Depois de espalhar a roupa com as mãos, desamarrotar poeiras sabe-se lá de onde, encarou o coiceiro de maus modos:

— Que é isso? Você quase me desconjuntou tudo!

— É que chacoalhava...

— Uma pinoia, ora essa!

— Quem é você?

— Não está vendo? Sou o gênio da garrafinha descartável. Por ter me libertado, pode fazer pedido.

— Qualquer?

— Ao seu desejo.

— Em primeiro...

— Em primeiro, não, só um. Faça com sabedoria.

— Mas, de acordo com a mitologia das leis, são três, e...

— Só um. É a nova ordem abstrata.

— Mas... E meus direitos?

— Hum! Já quer iniciar perdendo sem nem mesmo tentar ganhar? Arre! Um ou nada. Se apresse. Todo mundo sonha em me encontrar. Sou eterno, mas meu tempo é curto.

Explicou o genioso:

— Pense bem! Nada poderá impedir o que lhe apetecer. Seu desejo imperará até o fim dos seus dias. De minha parte, será cumprido à risca. Alerto bem que, com uma só falha sua, passará a vigorar o desconforme do seu requisitado, tudo acontecerá ao contrário do que pediu, valendo também até o fim de sua vida. Bem entendido?

Vagueando o olhar, o perambulante ocioso ficou calado, como quem precisa melhor interpretar o que ouviu.

— Estou no aguardo de sua ordem, meu amo. — Apressou o morador do tubinho sintético, em tom ameaçador.

O sortudo ficou bambo no entendimento da falação do outro. Mas não queria perder a oportunidade. Antes de revelar seu propósito, o caminhante tropicador estancou em pensamentos.

Vasculhou a memória. Tinha uma vida razoável. Pois bem! Todas as sextas-feiras saca-rolhava vinhos, queijinhos, tira-gostos; aos sábados, o bate-canela no baba de futebol com os amigos; os domingos sempre reservados para tirar mentiras em copos de cerveja nas mesas de botequins; no dia seguinte, e no imediato, cheios de fazer nada para se ocupar, saía da cama para a rede, desta para o sofá, refazer o fôlego com chá de preguiça, evaporar ressaca etílica escutando música.

Foi matutando, matutando, pedindo ao Gênio um tempinho provisório para escolher o definitivo, que lá bem dentro sacudiu lembranças intensas, saudade balançou esperança, reviveu os salutares tempos de mocidade, ele e a esposa enquanto enamorados, flertes cheios de ternuras, cortesudos um com o outro, juras cochichadas, o poderio da juventude convidando, eles aceitando como se o mundo fosse acabar com o nu sobre o pelado.

Comparou. Atualmente, um casal praticamente divorciado nas partes, na alma também, promessas desbotadas, casamento apenas na divisão da sombra do telhado. Até algum restinho

de vontade estava por desistir. Sucata dos bons tempos.

Genial! Foi o que pensou, esfregando as mãos com alegria. Uma lâmpada acendeu iluminando o próprio bojo. Suspendeu o pequenino homem à altura dos olhos, fez tenção, detalhou encomenda:

— Uma vez por semana, um dia que for, mas por inteiro, quero reacender os intensos com a esposa, nos moldes da época de namoro, pele com pele, que neste dia o azeite da candeia não se esgote de tanto queimar.

E assim se deu. Se davam em calendário fixo, inteiriçando madrugada-dia-noite, desmediado de alcova, que a patroa, julgando apenas suspiros de despedida, percebeu frequência que se tornara espanto com os tantos repetitivos.

Misericórdia! Virou tormento para ela. Não havia truque para desapeá-lo. Coisa sem fundo de acabar. Pior. Nas quartas-feiras, sem saltar uma, até o badalar da meia-noite, ficava ele fufçando cinzas do rescaldo, na busca de tição para reativar a brasa.

BECO SEM SAÍDA

*... acabrunhado, começou a andar como quem
conta os passos, procurando com os pés,
chutando pedrinhas.*

Começou a enxergar imagens entre os cantos dos olhos e a armação dos óculos. Quando girava a cabeça para botar reparo, nada encontrava. Restava a sensação de vulto, sombra sacudida, ligeira, no tanto faz do destro como do canho.

Quando resolveu olhar para a frente, na linha do desapego, supunha, foi que nem mais pôde notar: aquilo que deveria palpitar, era comportamento; o de obedecer à quietude, puro de-sassossego...

E uma brisa passou a ser o suficiente para fazer tornado em seu descompassado espírito de intolerância.

UM CANARINHO

*...quando ficava em um canto, cavoucando a
alma no garimpo de lembrar coisas alegres,
fazia pena de ver...*

Não tinha lugar certo para chegar. Sua precisão era sair. Da rua longa onde nasceu, tomou um ponto cardeal qualquer. Caminhou entre casas vazias, uma atrás da outra, desaparecidas, há muito, como vizinhança aos seus olhos. Esticou por vielas, avenidas, deixando a cidade para medir estradas velhas cheias de poeiras, inquietudes.

Nem ele sabia a razão daquela sapituca. Estava sacolejado. Certeza era o peito espremido, procura indecisa de quem não quer encontrar saída, deixando a cabeça bailar em ciranda vazia, doença de não doer na carne.

Andadeiro se fez. Em algum pedaço do caminho, afrouxou a insistência dos passos; o pensamento das pernas o fez sentar-se em uma pedra na orla da estrada, despercebida de utilidade para muitos, ou todos, quem pode dizer?

Antes de resfolegar para deixar cair o canso, um pio o fez voltar sentido, perceber, bem ao seu lado, no restinho arruinado do que foi uma cerca, um passarinho pousado no tiquinho enferrujado de arame farpado.

Era um canário-da-terra. Em pequenos arancos de cabeça, o serzinho apontava o bico para um lado e para o outro, fazendo paradas para mirar na direção frontal, quando soltava seu trinado de trazer mansidão. De vez em quando, tombava a cabecinha com um dos olhos para cima, mirando o firmamento.

A ave amarelinha continuava esparramando seu canto, som de fazer desamarrotar o atino latente do viageiro.

Para não atrapalhar o canto, o homem da pedra, em voz baixinha, perguntou a si mesmo para quem aquela ave cantava tão entusiasmada, gratuitamente. Não soube responder. Elevou um pouco mais o tom para questionar o canari-

nho. Como resposta, um gorjeio prolongado, so-letrado, como para melhor se fazer entender.

“E se eu não estivesse por aqui, quem mais ouviria tal encanto?”, voltou a se perguntar, silencioso, o caminhante.

Questionou também os motivos que poderiam ter levado o animalzinho a pousar por ali e não em uma árvore frondosa; se equilibrar em um fio desútil e não no mourão ao lado, se livrando dos galeios cai-não-cai em cima de um res-tico que não divisava mais nada, não apontava orientação para nenhum dos lados da desleixada pastaria.

A despreensão, melodiando para um ermo tão grande, amaciou suas inquietações.

Enquanto o danado repinicava, fazendo alegria em seu choro, o andarilho entendeu, naquele miudinho, a sabedoria de ser grande para trazer no peito apenas a leveza eufórica de notas musicais.

O amarelinho bateu asas desaparecendo na mata acolá, verde que o homem, sentado já há algum tempo, não percebera bem à sua frente, no mesmo rumo que o canário bicava suas trovas.

Ainda sentado, o observador cerrou as pálpebras, continuou ouvindo o canto, se sentiu no ar, pairou, desprendeu pesos até ficar pronto para voar novos ares; reabriu os olhos, contemplou o azul do céu; nem adiante nem retorno naquela antiga estrada.

Assoviando a mesma melodia do canarinho, olhou firme para o bosque.

ZAMIL

(Uma história verdadeira)

*Quem dera ter uma vida que não a de ficar
observando os segundos formando os minutos
e os minutos horando pelos dias.*

Estava passeando pelo calçadão, numa manhã daquelas em que o sol é camarada para quem não tem pressa, em passos soltos, sem destino determinado para exibir a minha desocupação definitiva. O pensamento vagueava, buscava encontrar alguma coisa para a hora passar mais ligeira, todavia, no mesmo instante, querendo que cada dia da vida durasse uma eternidade. Tudo dentro da comum rilhadura de aposentado com o relógio, cujo resultado é o contentamento cada vez maior justamente por não ter nada o que fazer; foi quando escutei alguém gritar meu nome, com sobrenome completo. Quando virei, lá vinha a figura sorridente, de braços abertos.

- Eu não acredito!
- Você?
- Quanto tempo, hein?
- Velho companheiro...
- Mabruk!

Num relâmpago, me vieram à cabeça seus mais notados gestos e expressões. Em ocasiões especiais ou no primeiro copo, o de abrir os trabalhos de bebericagem, ele saudava dizendo *mabruk*. Depois, repetia a pequena história sobre o significado da palavra, em árabe: votos de sucessos, tempo novo, felicidade perfeita para todos.

Apesar do longo tempo sem nos encontrarmos, prazo no qual ele adquiriu uma calvície que levou seu topete saliente, inflou uma barriga com quilos a mais, arredondando também o rosto, não tive como deixar de reconhecê-lo de imediato, devido à conservação dos traços que normalmente a idade consome, escondendo-os atrás do tapume de rugas.

Zamil era como o chamávamos. Apelido carinhoso que adotamos para reduzir, facilitar seu comprido, complicado nome de batismo. Das ará-

bias. Comerciante nato, atento nas mercancias, das alcunhas que lhes atribuíam, fazia delas mo-
las propulsoras para os negócios. Estava sempre
sorrindo para quem o chamava de *turco* ou coisa
parecida. Sincero. Honesto. Honrou a terra que
os pais escolheram para estancar a saga de uma
imigração, minha cidade natal, onde fincaram as
esperanças para realizar os sonhos.

Brotou saudade naquele instante. Um gran-
de companheiro. Tempo distante, mocidade ar-
rastada há um bom bocado, auge em nossas
vidas, primeiros empregos, período de ouro em
que fazíamos parte de um grupo de amigos que
se reunia, infalivelmente, todos os meses. Eram
amizades profundas, sem segredos, confidentes
na inteireza de seu significado.

Nos encontrávamos com muita frequência,
em diversos locais. Uma época esplêndida: bares,
bailes suntuosos, orquestras, teatros, salas lu-
xuosas de cinemas, clubes. Também estávamos
juntos em comemorações diversas, não restrin-
gindo, portanto, nossos contatos apenas às reu-
niões mensais, denominadas “oficiais”, momento
que entendíamos ser exclusivo do grupo, onde
ficávamos com mais liberdade. Eram madru-

das atravessadas com muita bebida, é verdade. Música também. Os assuntos permeavam pela política, esportes, anedotas, rebolando mais tempo sobre mulheres. Os mais afoitos faziam questão de descrever, com minúcias, cada amplexo de amor.

Filho único, uma fatalidade fez de Zamil herdeiro de fortuna. Nela, um casarão de dois andares na praça principal da cidade, local de nossas reuniões. Para a turma era sempre reservado o maior compartimento, no rés-do-chão, ao final de um corredor largo, que mais parecia estrutura de antigos hotéis. Lá estava a biblioteca, espaçosa, com enormes estantes cobrindo as paredes, do piso ao teto. Contava também com mesas, cadeiras, diversos sofás e canapés, tudo bem organizado, arranjado por Iaiá, chamamento familiar que dirigíamos a ela. Que Deus a tenha! Já era bem idosa naquela época. Enquanto na cidade muitos a consideravam serviçal, para Zamil era muito mais que isso, significava a ama que o acompanhava desde a infância. Ela o nomeava Habib.

Nossas vidas foram bancando alterações. Chegava o namoro mais sério, de paixão; o noi-

vado festivo, promissor; o matrimônio tão esperado, evento que acabava por afastar do grupo o membro que mudava de estado civil. Era certo.

Antes do casamento, a noiva era compreensiva, incentivadora, até dizia quedar admirada com tamanha amizade. Mas, nos primeiros tempos de núpcias, o pensamento sobre as reuniões já metamorfoseava: era uma ponta de ciúmes; depois a geleira de reclamações; por último, o derretimento em implicâncias e um confrade a menos.

Com o passar do tempo, Zamil e eu. As reuniões aconteciam normalmente, mesmo sendo apenas entre nós dois, até que chegou a vez de me afastar. Embora tenha chegado no mesmo pé do altar onde companheiros pisaram antes, fui considerado um dos últimos bastiões do grupo, o único que os esponsais não conseguiram sequestrar, pois, segundo entenderam, meu afastamento só aconteceu em função de minha mudança para outra cidade. Contrato de trabalho. Pois, não? Desconheceram, no entanto, que independente da transferência, com o barco da quizila atracado em cais de liberdade, o fim das reuniões para mim era questão de dias, o que deixaria, de

um jeito ou de outro, meu amigo Zamil sozinho com o estandarte. São os tais segredos pessoais que depois de longo prazo podemos contar sem que se perca a honraria.

Continuamos andando pela calçada, recordando os bons tempos. Zamil disse que largou mão do enlace matrimonial de forma definitiva. Solteirão convicto, conformado de que seu prazo passara para uma união juramentada, lembrou dos idos nos quais diziam ser ele já cadastrado pelas moças como quem quer, sempre quer, só não quer casar. Com o trocadilho, riu à vontade, abriu uma gargalhada vaidosa.

Relembramos todos os participantes, um por um. Ele resgatou, com certo inconformismo, que as bodas desfizeram o grupo. Zamil me surpreendeu quando falou, apesar de tudo, sobre ter mantido as reuniões, impreterivelmente, todos os meses. Sentia a falta de todos, ausências abrandadas por um episódio muito interessante que lhe aconteceu.

Achei estranho quando disse manter as reuniões como antes, mesmo com a debandada total. A curiosidade me fez indagar, queria saber dos pormenores. Ouvi seu relato:

“Tenho uma companheira. Mas espere, não fale nada, não pergunte nada, ouça, por enquanto apenas ouça.

Estava em uma daquelas nossas reuniões, sozinho, se é que posso assim dizer, aliás, faço tudo da mesma forma, escuto música, bebo as mais variadas doses e, para substituir as nossas conversas, leio jornais, passo os olhos pelos assuntos que sempre discutíamos, tiro conclusões como se fosse para opinar com todos, como era nosso costume.

Pois bem, uma noite, percorrendo aquele nosso ritual, olhando atentamente para o canapé em minha frente, reparei um vulto, mas um vulto diferente, não desses que descrevem como acinzentados, escuros, uma sombra. Era como uma água ou um vidro finíssimo que não embaciava em nada a visão do que estava por detrás.

No início, era disforme. Aos poucos, foi confirmando contornos sem perder a transparência.

Depois de muito observar, peguei um pitêu que estava em uma tigela na mesinha ao meu lado, uma daquelas iguarias que Iaiá sabe bem preparar, e arremessei no sentido daquele rascunho. Este foi atravessado. Então pude ver o pe-

dacinho do que atirei parar no canto da parede, ao fundo, o que seria impossível de enxergar se na posição em que estava o vulto fosse outro o tipo de barreira. Sacudi a cabeça boas vezes. A figura indistinta parecia tomar, cada minuto mais, a forma humana.

Vai escutando! Não pergunte nada.

Instante depois, peguei uma rosa com que a secretária ornamenta os jarros da sala para a ocasião, atirei no mesmo rumo. Para minha surpresa, a rosa parou no ar. Então notei um semblante de mulher. Com ela, a rosa, segura pelas duas mãos à altura do peito, em seu lado esquerdo.

Passado o susto, veio o ímpeto de me aproximar. Levantei pé ante pé, fiquei a poucos centímetros de distância. Pude então perceber, com mais detalhes, o cabelo; o rosto por inteiro, com as suaves sardas embelezadoras; a destacada pinta de nascença, um charme. Senti o odor que emanava de seu corpo, espreado depois por todo o ambiente, um perfume de dama da noite.

Enquanto retornava ao meu assento, pensei em alucinação, que tudo se esvairia nos ares. Já no sofá, novamente olhei, fiquei extasiado, nada

desaparecera, pelo contrário, estava perfeita, linda como sempre foi. Adivinha quem? Concluiu aí em seu pensamento? Pois bem, meu caro amigo, era ela. Sim senhor! Ela mesma, aquela a quem vocês conheceram apenas através de minhas narrativas sobre o romance que tivemos. Errei por mantê-lo oculto por imposições, tabus. Ela é a causa de minha definição como avulso para o resto da vida. Quando ela partiu de nosso convívio, percebi que ninguém poderia substituí-la.

Aliás, entre nós, amigos, seria eu o primeiro a casar, estava apaixonado, não me importava mais com a vida que ela levava antes de nos conhecermos. O tempo arranjará tudo. Quando joguei para longe as proibições convencionadas pela sociedade, que só servem para vedar nossas vontades, era tarde. A morte se intrometeu cedo, nos pegou desprevenidos.

Você se lembra, eu sempre parlamentava que com as mulheres seria melhor na variedade. Assim, vivia meus dias de despreocupação com o coração livre quando, desapercebido, não vi o brilho tomar conta de mim. Um clarão. O melhor sentimento que experimentei, queria aquela leveza para o resto da vida. No entanto... não fui

o primeiro da nossa turma a jurar perante o padre... nem mesmo o último serei. É a vida com seus bruscos contornos, não?

Hoje vivo o que deveria ter vivido naquela época. Olha, meu camarada, não nos acompanharão, depois da morte, nossas vontades do fazer, então temos que abarcar nossos desejos, pois nada sabemos do além. Alguns poetas já disseram coisas parecidas, apanhei tais palavras, sigo-as com rigor.

Ela me faz companhia, não sou mais solitário nas reuniões, nem mesmo fora delas. Ela está comigo em todos os cantos. Isso vem me aticando o tempo todo, chego a sentir as tempestuosas vontades que ela sempre carregou no corpo. Pego em suas mãos, sinto o mesmo vendaval que nos envolvia quando éramos perdidamente enamorados, ainda somos, um prazer de encabular, arrefecendo somente quando uma espécie de brisa relaxante, como uma benção, desce sobre nosso corpo, momento em que somos só um; então recompomos nosso fôlego.

Não hesite meu caro, pode dar comunhão sem confissão, como dizem por aí. É a mais pura verdade. Isso mesmo! Não se trata do excesso de

doses, daqueles quando um dos nossos exagerava e, tocado pela bebida, começava com dificuldade a jorrar palavras de custosa compreensão. Aí então, logo outro gritava 'êta cachaça brava'. Tá lembrado?

Posso ficar aqui relatando para você tudo de bom que vem acontecendo comigo, mas uma manhã só não basta.

Quero te pedir algo que para mim é importante. Não aceito negativa. Queria sua gentileza de me ajudar a articular um daqueles nossos encontros, nem que seja só um, todos juntos novamente, vamos relembrar aquele pedaço bom da vida que compartilhamos. Quero também, faço questão, de apresentá-la a todos vocês, então poderão apreciar como é jovem depois de tanto tempo, beleza preservada de forma admirável por ter atravessado décadas sem alterar, em nada, a maciez da jovialidade. Uma mulher excepcional.”

Nos despedimos. Apertamos fortemente nossas mãos. Nos abraçamos. Em movimento instintivo, demos um passo atrás. Por segundos, ficamos observando um ao outro. Em seguida Zamil girou o corpo, tomou seu rumo rua afora. Fiquei parado na calçada reparando o velho com-

panheiro. Lembrei de quando dizem que o fardo dos dias, em quilates diferentes, está na cabeça de cada pessoa. Então me perguntei “velho querido amigo Zamil, parece que foi ontem, quanto tempo mesmo, hein?”

Estacionado, sem tirar os olhos dele, observando aqueles passos tardos, caminhada amiudando pressa, bengala estucando o vento antes de nela se apoiar, começou a rondar em minha cabeça a história que acabara de ouvir. Naquele momento, como querendo pedir para não duvidar de suas palavras, ele se voltou para mim, fez um aceno com a palma da mão encurvada, levantando-a à altura dos olhos. Careteando, abriu seu sorriso fanfarrão, marcante, com a expressão forte que tanto encantava as pessoas.

UMA CONVERSA SINGELA

*... sob olhares caídos, uma sepultura
recebe paz de terra.*

Casa de repouso. Recanto montado em cima de um serrote de onde se avista um vale, verde sempre, fantástico. Lá, longe, os nós das serras enrugam o horizonte, suavizados pela distância. Lá, pelo meio, um rio escorre indiferente à miudeza de quem transita temporariamente pelo planeta. Aqui, na sala, os internos ficam batendo os olhos na paisagem como se o mundo estivesse em plena criação, sem ter dia que não, com novidades de mesmice consumindo horas, amaciando o ócio imposto a cada um deles, entregues a enfermeiros, médicos, que circulam num frenético pra lá pra cá distribuindo carinho, cuidados.

Para os pacientes, a saudade seria derruidora se a memória perdida, providencialmente, não proporcionasse apenas relâmpagos de lucidez, amiudados, embora saltitantes. Vivem na idade de uma terceira vida, confundida, trançando os ponteiros do relógio.

Conversam. Alguns falam de menos. Outros, calados de gestos, observam buscando desrazões para aqueles que discursam demais.

Trocam ideias que entram por aqui, saem por ali:

— Por que você está triste?

— Eu? Não! Não estou triste.

— Está sim, estou vendo. Qual é o seu nome?

— Tilde.

— Pois é, Tilde, não vale a pena ficar assim, tem que ficar sempre alegre. Uma pessoa alegre é abençoada! Né mesmo? Seu nome...

— Tilde. Mas eu não estou triste, estou é pensando em minha mãe, ela viajou, quando voltar preciso fazer uma visitinha pra ela.

— Uai! Você nessa idade ainda tem mãe?

— Não, ela morreu faz tempo.

— Como você se chama?

— Clotilde, mas me chamam de Tilde.

— Pois é, Clotilde, até parece que você está chorando, desgostosa com alguma coisa.

— Eu não! É que sempre choro quando lembro dela.

— Pois então?

— Era muito boa comigo, deixava de comprar as coisas para ela para comprar para mim.

— Tá vendo? Sua mãe é muito mãe com você. Você ainda não me falou seu nome!

— Tilde.

— Pois é. Espia só. Não precisa chorar.

— Mas... quando eu lembro... não posso deixar de ir lá amanhã, ela está de cama, pegou uma gripe forte.

— Olha! Ela não vai gostar de te ver dessa maneira. É ruim para você, para ela também.

— Mamãe bordava tudo para mim, tudo no capricho.

— Pois então, não precisa ficar assim, basta pedir misericórdia. Sua mãe está no plano espiritual. Reze umas ave-marias para ela, mas não esqueça de rezar para você também. Qual é sua graça?

— Não é Graça, é Clotilde, Clotilde de...

— Eu sei, é modo de falar, mas reza mesmo! Ore agradecendo a boa mãe que você tem, peça para que ela melhore rápido.

— Ela era uma santa.

— Você vai ficar alegre. Você vai ver só, depois que pedir misericórdia para vocês duas. Reza o pai-nosso. Muitos. Com devoção.

— Vou pedir. Vou fazer minhas preces.

— Olha, hoje quando eu for dormir, vou orar creio-em-Deus-Padre-todo-poderoso para você e sua mãe. Vou pedir misericórdia para vocês duas. Deus não deixa de atender. Basta praticar as preces com fé e dizer para quem a gente tá rezando. Qual é mesmo seu nome?

CAMINHOS

*Ele se achava dono do tempo. De repente,
viu um minuto dobrar a esquina, sentiu que
acabara de pisar numa lágrima. Sua.*

Às vezes nos assustamos com o barulho de nossos passos, mesmo quando pisamos com todo cuidado. Paramos, então? Ou mudamos de rumo?

* * *

Lá no fundo do céu de tempestade, tinha uma estrela. Eu não a vi. Nem você. Mas sabíamos que estava lá.

* * *

O comboio, arrastando vagões de sonhos, vai parando nas estações dos sabores, umas;

dos destemperos, outras. E a vida segue, apitando: cochilos, sacolejos, sustos. É o trem. Se não aprender a apreciar os movimentos, a paisagem cansa. Mesmo correndo pela janela, fica tudo no mesmo lugar. E a viagem não atrasa; e a viagem não adianta. O que está não acontecendo? Olhe para os trilhos. Verás que não consegue mais enxergar a linha.

Este livro foi composto no verão de 2021, com a fonte
Bookman Old Style tamanho 12/18
impresso em Polén 90g na Formato Artes Gráficas.



Fabiano A. Salim

nasceu em Patos de Minas. Viveu a infância e adolescência na cidade de Patrocínio, Minas Gerais, onde estudou no Grupo Escolar Honorato Borges e Colégio Estadual Dom Lustosa. Kursou engenharia Agrônômica na Universidade Federal de Viçosa. Publicou seu primeiro livro em 2015. Recebeu diversos prêmios literários. Contato com o autor:

fabianosalim@gmail.com